

## **11. Eu pensava que o vírus não chegaria até nós**

Cleisy Narciso Silva

Desde quando surgiram os primeiros casos da COVID-19 no Brasil, minha avó via as reportagens na televisão e os telejornais só falavam o quanto o vírus era perigoso para os idosos, o quanto os idosos eram vulneráveis.

- Ah, não quero ver mais os noticiários, tô cansada já desse negócio de vírus que só mata idoso, só ataca idoso, é idoso toda hora! Chega! Não quero ver mais isso! Muda de canal! - minha avô se fez de forte no momento, mas eu pude ver nos olhos dela a preocupação que ela tinha, eu também senti medo... o vírus se espalhava tão rápido... eu olhei para o meu filho preocupado, ele só tinha cinco meses ... Por que isso agora? Você é inocente, não sabe de nada, mas vamos passar uma grande tempestade juntos.

No início eu achava que até esse vírus chegar até nós talvez já tivessem encontrado uma vacina para a COVID-19. Nós estamos no norte do Brasil, em uma aldeia, esse vírus não vai chegar até nós, eu pensava... Minha avó perguntou:- Será que nós vamos ter que fugir de novo, como fizemos no passado, quando surgiu o sarampo na nossa aldeia? Fugimos para as ilhas, bem distante das outras pessoas, ficamos lá por um ano, sem manter contato com ninguém. Só depois saímos para ver como estava a situação e vimos que tudo já tinha passado. Será que vai ser preciso fazer isso novamente?

Ainda era março, não tinha COVID-19 no município de Oiapoque, mas logo chegou a notícia do primeiro caso... Aí a preocupação aumentou, pois logo o vírus poderia chegar na nossa Aldeia Tukay, que fica na BR-156. Tomamos algumas providências para nos prevenir da doença e para não trazermos a doença para dentro da aldeia: passamos a fazer nossas próprias máscaras caseiras e toda atividade que envolve aglomeração foi cancelada. Os idosos da aldeia falaram de alguns óleos, cascas de árvores e plantas - nossos remédios tradicionais caseiros - para usarmos contra os sintomas da COVID-19, pois, talvez, eles tivessem algum efeito contra esse vírus...

O segundo caso confirmado no Oiapoque nos abalou muito, era um indígena, um enfermeiro que trabalha na Casa de Saúde Indígena (CASAI), nosso amigo. Eu estava na aldeia,

com meu filho e minha esposa, quando o técnico de enfermagem que trabalha aqui veio até nossa casa:

- Vocês já estão sabendo *né*, do caso da COVID-19 que foi confirmado na CASAI? Minha preocupação é com seus pais, eles estão no Oiapoque, *né?! Como vocês sabem, a irmã do teu pai trabalha na CASAI, o enfermeiro pode ter tido contato com ela... Vocês sabem como o vírus se espalha rápido... Não estou dizendo que tua tia está infectada, mas nós estamos preocupados com eles e com vocês aqui na aldeia, que moram juntos. Seus pais vão chegar mais tarde e peço que vocês mudem para a casa dos teus sogros, para que seus pais fiquem em isolamento por alguns dias.*

A fala do técnico me deixou muito preocupado, baixei a cabeça e respondi que iria pensar sobre isso. O técnico se levantou e se retirou, eu olhei para minha esposa e perguntei dela o que a gente iria fazer, e ela decidiu que nós não íamos nos mudar.

Um dia depois que meus pais chegaram do Oiapoque também chegou meu tio com sua esposa e seus filhos, nós moramos todos juntos. Duas semanas depois da chegada deles da cidade, meu tio ficou com febre e dor no corpo, a febre ia e voltava nele. Depois meu pai também teve febre e diarreia, eu também tive febre, com dores no corpo e muito frio.

No primeiro dia fizemos o teste rápido para malária e deu negativo o resultado para nós três. O agente de saúde disse que faria um segundo teste para malária, dessa vez coletando nosso sangue para examinar na lâmina, e nos alertou para não sairmos de casa. Os resultados deram mais uma vez negativo, mas meu pai já tinha melhorado. Eu passei três dias com febre, meu tio também. Eu dormia junto com meu filho e minha mulher, a noite toda eu chorando com medo que fosse a COVID-19, pensava que, se fosse, eu já tinha contaminado meu filho...

Não tive tosse e, no quarto dia, a febre passou, mesmo assim fiquei em casa e, assim, eu melhorei, meu tio também. Quando eu saí para dar uma volta na aldeia as pessoas falavam:

- Ei! Você não está com a COVID-19 não, *né?! – pareciam ter medo da nossa família, mas isso ficou para trás e voltamos a falar uns com os outros, usando máscaras.*

Mas alguns da aldeia não querem usar máscara, acham desnecessário porque ainda não há casos aqui, mas nós temos que prevenir, mesmo não tendo caso suspeito de COVID-19 na aldeia, pois ela está muito perto de nós, quatro casos foram confirmados em aldeias na BR-156. Tem uma aldeia que fica uns cinco quilômetros da nossa, lá está tendo um surto de

febre e tosse, ninguém sabe o que é. Aqui na Aldeia Tukay nós estamos preparando remédios caseiros e já tomando. No Kumarumã, a maior aldeia do nosso povo Galibi-Marworno, onde vive a maior parte dos nossos parentes, tem um caso confirmado e outros casos suspeitos, lá também deu um surto de febre e tosse... Hoje recebi a notícia que meus avós estão doentes, com febre e tosse... Vivo angustiado e preocupado. Estaremos prontos quando a COVID-19 chegar?

Aldeia Tukay, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil

29 de maio de 2020